

# **A INÉRCIA DO IMAGINÁRIO**

**Prof. Dr. Rafael Raffaelli**

**Editor**

Prof. Dr. Rafael Raffaelli

**Conselho Editorial**

Prof. Dr. Héctor Ricardo Leis  
Profa.Dra. Júlia Silvia Guivant  
Prof. Dr. Luiz Fernando Scheibe  
Profa. Dra. Miriam Grossi  
Prof. Dr. Selvino José Assmann

**Editores Assistentes**

Cláudia Hausman Silveira  
Dora Maria Dutra Bay  
Elisa Gomes Vieira  
Katja Plotz Fróis  
Maria da Graça Agostinho Faccio  
Silmara Cimbalista

**Secretária Executiva**

Liana Bergmann

## A INÉRCIA DO IMAGINÁRIO

### THE INERTIA OF THE IMAGINARY

**Rafael Raffaelli\***

#### **RESUMO:**

O presente estudo conduz uma revisão dos principais aspectos concernentes à história de Kaspar Hauser, discorrendo sobre as teorias referentes à sua origem. Três teorias são examinadas: a teoria da fraude, a teoria do príncipe e a teoria do acaso. São relatados os exames de DNA já realizados. O caso é examinado também numa perspectiva psicanalítica, analisando-se os eventos mais relevantes da vida de Kaspar Hauser segundo a tópica do Imaginário, do Simbólico e do Real. Kaspar Hauser possuiria uma carência do imaginário no seu desenvolvimento, pois nunca passou por uma fase do espelho.

**Palavras-chave:** Kaspar Hauser; História; Desenvolvimento; Imaginário

#### **ABSTRACT:**

The present study conducts a revision of the main aspects concerning Kaspar Hauser's history, discerning about the theories referring to his origins. Three theories are examined: the fraud theory, the prince theory and the chance theory. The DNA exams already made are related. The case is also examined in a psychoanalytical perspective, analyzing the most relevant events in Kaspar Hauser's life according to the topic of Imaginary, Symbolic and Real. Kaspar Hauser would possess an absence of the imaginary in his development, as he never got through a mirror stadium.

**Keywords:** Kaspar Hauser; History; Development; Imaginary

---

\* Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e do Corpo Permanente do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (DICH/UFSC), Editor dos Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas.

## 1. Introdução

Kaspar Hauser (?-1833) foi chamado de “a criança da Europa”. Nenhuma criança ou adolescente europeu de seu tempo – nobre ou plebeu - foi observado, estudado e comentado tanto como ele. Cerca de 3.000 livros e mais de 14.000 artigos foram escritos sobre o assunto até hoje, sendo que todo o ano é lançado ao menos um livro tratando do tema na Alemanha. (apud Masson, 1996, p.3)

Apesar dessa profusão de estudos no exterior, no Brasil são raros os textos que tratem dessa temática, resultando num relativo desconhecimento da figura histórica de Kaspar Hauser, que passa a ser visto como mito ou ficção.

Inspiração para diversos poetas e romancistas como Verlaine, Melville, Rilke, Wassermann, Trakl, Handke e outros, sua história já rendeu dois grandes filmes: “Cada um por si e Deus contra todos” (*Jeder für sich und Gott gegen alle*) de 1974 – tradução brasileira “O enigma de Kaspar Hauser” - de Werner Herzog e “Kaspar Hauser” de Peter Sehr de 1994.

O poeta Paul Verlaine (1844-1896) identificava-se com Kaspar pela sua dificuldade de relacionamento com as mulheres e, pensando nele, escreveu este canto em 1881:

### **Gaspar Hauser Chante** (Sagesse, 1881)

Je suis venu, calme orphelin  
 Riche de mes seuls yeux tranquilles,  
 Vers les hommes des grandes villes :  
 Ils ne m'ont pas trouvé malin.  
 A vingt ans un trouble nouveau,  
 Sous le nom d'amoureuses flammes,  
 M'a fait trouver belles les femmes :  
 Elles ne m'ont pas trouvé beau.  
 Bien que sans patrie et sans roi  
 Et très brave ne l'étant guère,  
 J'ai voulu mourir à la guerre :  
 La mort n'a pas voulu de moi.  
 Suis-je né trop tôt ou trop tard?  
 Qu'est-ce que je fais en ce monde?

Ô vous tous, ma peine est profonde:  
 Priez pour le pauvre Gaspard.

Rainer Maria Rilke (1875-1926) também dedicou o poema “*O Menino*”, de 1906, ao pequeno prisioneiro:

### **Der Knabe** (1906)

Ich möchte einer werden so wie die,  
 die durch die Nacht mit wilden Pferden fahren,  
 mit Fackeln, die gleich aufgegangenen Haaren  
 in ihres Jagens großem winde wehn.  
 Vorn möcht ich stehen wie in einem Kahne,  
 groß und wie eine Fahne aufgerollt.  
 Dunkel, aber mit einem Helm von Gold,  
 der unruhig glänzt. Und hinter mir gereiht  
 zehn Männer aus derselben Dunkelheit  
 mit Helmen, die, wie meiner, unstät sind,  
 bald klar wie Glas, bald dunkel, alt und blind.  
 Und einer steht bei mir und bläst uns Raum  
 mit der Trompete, welche blitzt und schreit,  
 und bläst uns eine schwarze Einsamkeit,  
 durch die wir rasen wie ein rascher Traum:  
 Die Häuser fallen hinter uns ins Knie,  
 die Gassen biegen sich uns schief entgegen,  
 die Plätze weichen aus: wir fassen sie,  
 und unsre Rosse rauschen wie ein Regen.

O poeta austríaco Georg Trakl (1887-1914) compôs “*A Canção de Kaspar Hauser*” em 1913, fazendo referência ao poema de Verlaine:

### **Kaspar Hauser Lied** (1913)

Er wahrlich liebte die Sonne, die purpurn den Huegel hinabstieg,  
 Die Wege des Walds, den singenden Schwarzvogel

Und die Freude des Gruens.  
 Ernsthaft war sein Wohnen im Schatten des Baums  
 Und rein sein Antlitz.  
 Gott sprach eine sanfte Flamme (Verlaine) zu seinem Herzen:  
 O Mensch!  
 Stille fand sein Schritt die Stadt am Abend;  
 Die dunkle Klage seines Munds:  
 Ich will ein Reiter werden.  
 Ihm aber folgte Busch und Tier,  
 Haus und Daemmergarten weisser Menschen  
 Und sein Moerder suchte nach ihm.  
 Fruehling und Sommer und schoen der Herbst  
 Des Gerechten, sein leiser Schritt  
 An den dunklen Zimmern Traeumender hin.  
 Nachts blieb er mit seinem Stern allein;  
 Sah, dass Schnee fiel in kahles Gezweig  
 Und im daemmernden Hausflur den Schatten des Moerders.  
 Silber sank des Ungebornen Haupt hin.

Mas a descrição original do caso pertence ao jurista alemão Paul Johann Anselm Ritter von Feuerbach (1775-1833), o qual redigiu um livro sobre sua história: “Kaspar Hauser. Um caso de um crime contra a alma de um ser humano” (*Kaspar Hauser. Beispiel eines Verbrechens am Seelenleben des Menschen*). Responsável pela abolição da tortura na Bavária e pai do filósofo Ludwig Feuerbach, ele era o presidente da corte de apelação de Ansbach e tinha jurisdição sobre o caso.

O texto de Feuerbach, editado originalmente em 1832, foi traduzido para o inglês por Jeffrey M. Masson em 1996, com uma importante introdução e comentários. Coube também a Masson o descobrimento do diário de Georg F. Daumer, o primeiro preceptor de Kaspar, nos arquivos pertencentes a Hermann Pies (1888-1983), que foi o mais renomado pesquisador do assunto.

Serão utilizados nesta análise os textos de Feuerbach e de Masson, além de elementos da autobiografia e sonhos do próprio Kaspar, fazendo referência aos filmes de Werner Herzog e Peter Sehr<sup>1</sup>. O referencial teórico empregado para a análise da questão

---

<sup>1</sup> O filme de Werner Herzog foi fundado no romance “*Kaspar Hauser oder die Trägheit des Herzens*” (1908) - traduzido na edição brasileira por “Kaspar Hauser ou A Indolência do Coração” (1966) - do austríaco Jacob Wassermann (1873-1934), o qual, por sua vez, se baseou principalmente no texto de Feuerbach.

do desenvolvimento em Kaspar Hauser será a psicanálise, focando a questão da constituição do imaginário.

## 2. O caso Kaspar Hauser

Feuerbach (1996, p.75) assim descreve o momento que Kaspar Hauser surge em Nuremberg:

No segundo dia de Pentecostes, 26 de maio de 1828, entre quatro e cinco horas da tarde o seguinte aconteceu: Um residente (...) olhando em volta [de sua casa] percebeu não muito longe um jovem vestido como um camponês parado numa posição bastante invulgar, o qual, como um beberrão, tentava se mover para frente sem estar realmente apto para se manter ereto ou controlar seus pés. O residente se aproximou do estranho, que lhe estendeu a carta que segurava. A carta estava assim endereçada: 'Ao bem-nascido capitão do Quarto Esquadrão do Sexto Regimento da Cavalaria Ligeira em Nuremberg'.<sup>2</sup>

Na época de sua chegada a Nuremberg, Kaspar tinha cerca de 16 ou 17 anos e provavelmente teria sido aprisionado aos três ou quatro anos de idade.

Em 1833, menos de cinco anos depois, numa segunda tentativa de assassinato, ele foi ferido no coração e morreu.

Mas quem era essa figura enigmática, de destino trágico? E por que havia sido encarcerado da infância à adolescência? Por quem e por qual razão?

Essas questões fascinaram a muitos intelectuais, que intuíram no caso dimensões fantásticas, inflamando a imaginação de multidões em vários países. O próprio Feuerbach, nosso guia na descrição do caso, interessou-se pelas considerações

---

Preferimos traduzir '*Trägheit*' por 'inércia', como nas edições em língua inglesa, o que motivou o título do presente artigo. O filme de Peter Sehr, mais centrado em fontes históricas, procurou desenvolver a temática da 'teoria do príncipe' sobre a origem de Kaspar Hauser.

<sup>2</sup> A carta manuscrita, com diversos erros ortográficos e gramaticais, relatava a suposta origem de Kaspar: "Estou mandando a você um garoto que implora servir seu rei, este garoto me foi deixado em 7 de outubro de 1812, e eu, um pobre trabalhador diarista, eu mesmo tenho dez filhos, eu tenho o suficiente para fazer, e a mãe do garoto deixou ele somente para ser criado, mas eu não fui capaz de achar sua mãe. (...) Eu criei ele como um cristão e não deixei ele desde 1812 dar um único passo fora da casa assim ninguém sabe o lugar de onde ele foi trazido, e ele mesmo não sabe como se chama minha casa e o lugar ele não conhece também, assim pode perguntar a ele quanto quiser, mas ele não pode te contar, leitura e escrita eu já ensinei a ele e ele pode escrever minha escrita manual como eu escrevo e quando eu perguntei o que ele queria ser, ele disse que queria ser um *Schwolische* como seu pai era (...). Você só tem que mostrar a ele algo uma vez e ele pode fazer". (Feuerbach, 1996, p.81) [Tradução de trechos da versão inglesa pelo autor, mantidas as idiossincrasias do texto original]

filosóficas, jurídicas e políticas do caso e a ele tanto se apegou que acabou sofrendo conseqüências trágicas.

Depois de Kaspar ter sido encontrado por um residente, a polícia o colocou numa torre, pois acreditavam que estava fingindo ou que poderia ser perigoso. Kaspar foi tratado com dureza no início, pois a polícia pensou que ele estava dissimulando. Devido a isso ele teria chorado durante oito dias e noites. Tinha aversão a toda comida – em especial a carne — com exceção do pão e só bebia água. Não entendia as perguntas que lhe eram dirigidas e “sua linguagem consistia primariamente de lágrimas, gemidos de dor, sons ininteligíveis, ou as freqüentemente recorrentes palavras: ‘cavaleiro quero, como pai era’”. No dizer do capitão a quem o envelope fora endereçado, “ele se comportava como uma criança pequena, o que contrastava com seu tamanho”. Alguém teve a idéia de dar uma pena e tinta ao rapaz para verificar se ele era capaz de escrever e, para surpresa geral, ele pegou a pena de maneira desajeitada e escreveu seu nome com “letras firmes e legíveis”. Pediram-lhe que escrevesse mais, porém ele se desinteressou pela tarefa e passou a repetir sua frase padrão. (Feuerbach, 1996, pp.76-78)

Além da carta, Kaspar trazia consigo um pequeno envelope contendo ouro em pó, um lenço com as iniciais “K.H.” bordadas e uma série de textos religiosos, um dos quais, aponta Feuerbach (1996, pp.79-80), parecia referir-se cinicamente à situação: “A Arte de Recuperar o Tempo Perdido e Anos Mal-Passados”.

O carcereiro Andreas Hittel - com cinqüenta e um anos à época - pôde observá-lo de modo furtivo durante oito semanas, buscando traços de um possível embuste, mas chegou à conclusão que nele não havia nada de falso. Nesse período, Kaspar desenhava muito e participava do dia-a-dia da casa de Hittel, convivendo com sua família. Hittel manifestou, inclusive, o intento de adotá-lo, mas sua falta de recursos materiais o impediu de realizá-lo. Ele chegou a dizer a Daumer posteriormente – em 1830, quando se colocava em dúvida a autenticidade de Kaspar – que não tinha dúvida de sua inocência e da veracidade de sua história. (Feuerbach, 1996, pp.90-92)

Feuerbach relata também sua suspeita que Kaspar tivesse sido dopado com ópio durante seu aprisionamento, para evitar que reconhecesse seu captor durante os momentos em que ele realizava sua higiene e a limpeza de seu calabouço (Feuerbach, 1996, p.95). Entretanto, isso não combina com a pobreza da alimentação que Kaspar

recebia, sendo de se estranhar o uso dessa substância para adormecê-lo, dado que seria algo de difícil acesso a um camponês.

O prefeito de Nuremberg, Jakob Friedrich Binder (1787-1856) publicou uma proclamação pública sobre Kaspar em 07 de julho de 1828. Jornais da Europa e dos Estados Unidos noticiaram a história com algum destaque.

Feuerbach e Binder escolheram Georg Friedrich Daumer (1800-1875), então com 28 anos, para cuidar de Kaspar. Daumer foi aluno de Schelling (1775-1854) e Hegel (1770-1831) e era tutor dos filhos do último. Fundou em 1840 a “Sociedade Alemã para a Prevenção da Crueldade com os Animais”, e era seguidor na homeopatia e poeta.

Devido à grande curiosidade popular sobre a figura de Kaspar, Binder se viu obrigado a fazer um comunicado público em 19 de julho de 1828 proibindo visitas à casa de Daumer. Apesar disso, continuou sendo procurado por um grande número de estrangeiros de passagem por Nuremberg, tendo-se tornado uma atração turística da cidade.

No início de setembro de 1829, Kaspar começou a escrever a história de sua vida, após ganhar certa fluência na compreensão do idioma. Ele inicia sua narrativa explicando as condições em que foi encarcerado e qual sua rotina diária. Apesar da monotonia de suas atividades diárias, da escuridão, da alimentação pobre e da água insuficiente, ele afirmava que se sentia feliz. Seu contato com o ‘homem’ que o cuidava aumentou quando ele o ensinou a escrever e Kaspar soube “como se chamava um cavalo”. Uma única vez teria apanhado, pois estaria fazendo muito barulho. Mas, de modo geral, “estava sempre de bom humor e contente, porque nada nunca me machucou”. (Masson, 1996, pp.190-191)

Em 17 de outubro de 1829 Kaspar sofreu um atentado, quando um homem armado com uma faca de açougueiro tentou cortar seu pescoço, mas só conseguiu feri-lo. Feuerbach (1996, p.135) imputa esse atentado ao fato de vários jornais terem noticiado que ele começara a escrever sua autobiografia.

Devido a essa tentativa de assassinato, foi nomeado Gottlieb Freiherr von Tucher (1798-1877) – cunhado de Hegel - como seu guardião e o prefeito destacou dois policiais para acompanhá-lo. Como Daumer ficou doente, Kaspar mudou-se para a casa de um rico comerciante, Johann Christian Biberbach, em janeiro de 1830. Seis meses depois,

mudou-se novamente para a casa de Tucher, onde ficou de maio de 1830 até novembro de 1831.

Um ano e meio após o aparecimento de Kaspar, surgiu em Nuremberg um rico lorde inglês chamado Philip Henry, duque de Stanhope, que vem a exercer um papel dúbio no desenrolar da história. Stanhope passou a encontrar-se com Kaspar freqüentemente, manifestando um carinho que Daumer interpretou como homoerótico, e insinuou a possibilidade de torná-lo seu herdeiro através da adoção.

Stanhope conseguiu a mudança de Kaspar para a cidade de Ansbach, onde ele ficou sob a guarda de Johann Georg Meyer (1800-1868), um professor primário intrusivo e hostil, que buscava, a todo custo, inculcar-lhe o sentimento de culpa. Nesse período Kaspar trabalha em um cartório da cidade e entra em declínio espiritual, acabando por tomar a religião seriamente.

Em 14 de dezembro de 1832, foi ferido com uma estocada próxima ao coração num parque, ao qual fora atraído por promessas de revelações sobre o seu passado. Quando ele voltou para casa, Meyer não acreditou no seu relato e o tratou como um embusteiro, tendo divulgado a interpretação de que Kaspar tentara o suicídio, no que foi apoiado por Stanhope.

Três dias depois Kaspar Hauser morreu. Suas últimas frases teriam sido: “Muitos gatos são a morte para o rato” e “Cansado, muito cansado, ainda tenho que fazer uma longa viagem”.

### **3. ANÁLISE**

#### **3.1. Sobre a origem de Kaspar Hauser**

Tradicionalmente, três teorias divergentes tentam explicar o surgimento de Kaspar Hauser, hipotetizando sobre suas origens. À primeira podemos denominar de “teoria da fraude”, supondo-o um impostor, à segunda de “teoria do príncipe”, supondo que fosse herdeiro da casa de Baden e neto de Napoleão, e à terceira de “teoria do acaso”, supondo a veracidade de sua história, mas sem que sua origem remeta à casa de Baden.

Os testes de DNA realizados em 1996 e 2002 vieram a alimentar ainda mais a controvérsia, chegando a resultados divergentes.

### 3.1.1. A teoria da fraude

Muitos supunham ser Kaspar Hauser uma fraude, desde seu aparecimento em Nuremberg. Já em 1830, um policial de Berlim chamado Johann Friedrich Karl Merker (1775-1842) publicou um livro intitulado “Kaspar Hauser, Mais Provavelmente uma Fraude”, sem ao menos tê-lo encontrado. (Masson, 1996, p.51)

Kaspar poderia ter sido um mendigo andarilho que se aproveitou da situação e da credulidade das pessoas para enganar a todos com a falsa história de um menino criado em cativeiro. Preso ao papel que criara – hipótese levantada por Stanhope – só lhe restou continuar até o fim, premido pelas circunstâncias nas quais se envolveu. Seria como se a máscara da tragédia lhe tivesse colado ao rosto e dela não mais pudesse se libertar.

Mais tarde, frente à habilidade de Kaspar em montar, Merker levantou a hipótese que ele fosse um jovem cavaleiro inglês que estava troçando dos ingênuos habitantes de Nuremberg com seu disfarce. (Feuerbach, 1996, p.125)

É interessante compararmos esse caso com o mistério do “Delfim perdido”, que decorre do destino de Luís XVII, filho de Luís XVI e Maria Antonieta. Tido como morto por tuberculose em 1795 aos 10 anos de idade, surgiram posteriormente rumores que ele teria escapado da prisão do Templo em Paris - onde se encontrava recluso em um quarto sem janelas, como Kaspar - para ser criado em algum lugar distante. Logo apareceram dezenas de reclamantes da identidade de Luís XVII, o mais bem sucedido dos quais foi Karl Wilhelm Naundorff (1775-1845), um inventor e relojoeiro prussiano. Quando saiu da prisão em 1828 – note-se, mesmo ano do aparecimento de Kaspar – passou a se fazer passar por Luís XVII e tomou para si o título de Duque da Normandia. Em 1833 ele viajou a Paris e encontrou-se com mais de 53 pessoas que tiveram contato com o Delfim na infância, inclusive a mulher que foi sua babá do nascimento até os sete anos de idade. Após um pormenorizado interrogatório sobre suas memórias de infância, ela convenceu-se da autenticidade de sua reivindicação. Mas ao invés de ter seus reclamos atendidos pelo governo francês, foi preso e expulso da França como estrangeiro. Após uma estadia na Inglaterra, mudou-se para a Holanda onde morou até o fim de sua vida, obtendo junto ao governo desse país a autorização para ser enterrado como Luís XVII. Seus familiares passaram a empregar o sobrenome Bourbon, referente à dinastia dos Reis de França da linha dos Capetos. Em 1950 um pedaço de osso foi retirado de seus restos mortais para

análise e esse material serviu para um teste de DNA mitocondrial realizado em 2000, que revelou que ele não possuía nenhum parentesco genético com Maria Antonieta, cujo DNA fora obtido através de fios de cabelo que haviam sido conservados em bom estado. Embora seus descendentes não aceitem essas conclusões, alegando contaminação genética do material analisado, não resta dúvida de que Naundorff era um farsante. (Delorme, 2000)

Será que Kaspar Hauser poderia ser um aventureiro do mesmo tipo, influenciado pela repercussão das reivindicações desses falsos pretendentes a um nascimento nobre, e que resolveu tentar a sorte em Nuremberg?

Stanhope aventou, inclusive, que Kaspar poderia ser um êmulo da denominada “Princesa Caraboo”, pseudônimo de Mary Willcocks (1791-1864), uma impostora que ludibriou a alta sociedade inglesa assumindo ser uma princesa oriental raptada de sua terra natal e que havia sobrevivido a um naufrágio. Tendo surgido na vila de Almondsbury, Gloucestershire, em 1817, com um turbante negro e fingindo que falava um idioma desconhecido, convenceu a todos de sua história e ganhou fama, tendo sido notícia em muitos jornais. De maneira semelhante a Kaspar, recusava toda carne e só comia vegetais, bebendo unicamente água. Apresentava um comportamento bizarro - mesmo quando estava sozinha e era observada em segredo - que passou a ser considerado exótico, conferindo ares de verdade à sua encenação. Embora tivesse traços nitidamente europeus e fosse uma pessoa com pouca educação formal, e mesmo apesar de ter sido interrogada por várias autoridades e acadêmicos de destaque, convenceu a todos da veracidade de sua história por cerca de dois meses, até que uma conhecida sua a desmascarou. (Wells, 1994)

Outros fatos chamam a atenção do cético: a habilidade de Kaspar em aprender – atribuída por alguns à sua origem nobre – e ao fato de conseguir escrever uma autobiografia apenas um ano e meio após o seu aparecimento, apesar da precariedade de sua escrita. Essa habilidade poderia ser vista como uma premeditada atitude de autopromoção e até sua manifesta inocência poderia ser encarada como uma artimanha para conquistar a simpatia de pessoas bem-intencionadas como o próprio Feuerbach. Sendo assim, Kaspar talvez não passasse de um “*publicity-hungry egotist*” (Kitchen, 2001, p.3) que encontrou um caminho para os seus anseios.

### 3.1.2. A teoria do príncipe (*Prinzentheorie*)

Segundo essa versão, Kaspar seria um príncipe, o filho mais velho de Stéphanie Adrienne Napoleone de Beauharnais (1789-1860), filha adotiva de Napoleão, casada com Karl, grão-duque de Baden (1786-1818). Esse filho nascera saudável em 1812 e morreu em circunstâncias misteriosas poucas semanas depois e teria a mesma idade de Kaspar. O príncipe teria sido substituído por uma criança doente, filho de um jardineiro que tinha dez filhos, por ordens da condessa de Hochberg (Luise Geyer von Geyersberg, 1768-1820), a segunda mulher do fundador da dinastia, Karl Friedrich von Baden (1728-1811), a qual queria que seu próprio filho mais velho, Leopold (1790-1852), herdasse o trono, o que efetivamente aconteceu em 1830. Os pais de Kaspar perderam um segundo filho – morto também em circunstâncias misteriosas – e tiveram ainda três filhas. Karl, suposto pai de Kaspar, foi também envenenado em 1818, aos 33 anos.

Feuerbach morreu aparentemente envenenado aos 58 anos (29 de maio de 1832), possivelmente por ordens de membros da família real de Baden, embora nada tenha sido provado a esse respeito. Faleceu a caminho de Frankfurt, onde deveria encontrar um homem de nome Klüber - que seria amante da condessa Hochberg -, que talvez possuísse alguma prova concreta sobre o caso.

Em 1924 a novelista Klara Hofer, comprou uma mansão em Schloss Pilsach, próximo a Nuremberg, onde encontrou uma masmorra secreta que correspondia em todos os detalhes à descrição de Kaspar, inclusive a forma da grade da janela que ele desenhou como uma flor. Em 1982, durante reformas, descobriram um pequeno cavalo de madeira no local, com o tamanho, formato e cor descritos por Kaspar. Em 1829 Kaspar contou a Daumer um sonho onde ele via um brasão de armas, igual ao encontrado no castelo *Beuggen bei Laufenburg*, às margens do Reno, que foi provavelmente um dos três castelos onde Kaspar teria vivido antes do seu aprisionamento. (Masson, 1996, pp.148-150)

Além de Feuerbach, várias pessoas que estiveram em contato próximo com Kaspar morreram entre 1833 e 1835 – Binder, Biberbach, Dr.Preu (que realizou o primeiro exame), Dr.Osterhausen e Dr.Albert (que realizou a necrópsia). Além disso, supostamente, três outros membros da família Feuerbach teriam sido envenenados devido à conexão com o caso. Mesmo levando em conta essas considerações, não se

deve esquecer que Daumer - que foi a pessoa que mais teve contato com Kaspar e que chegou a intuir a culpabilidade de Stanhope - viveu até 1875.

O próprio Stanhope, que seria o personagem central na trama do assassinato de Kaspar, estaria intimamente conectado com a casa de Baden e teria mesmo recebido pagamento pelas suas intervenções no caso. (Masson, 1996, p.215)

O filme de Peter Sehr amplia a trama, colocando o próprio Rei da Bavária, Ludwig I (1786-1868), como o responsável pelo encarceramento de Kaspar e facilitador da sua morte. O menino, raptado pela condessa Hochberg, teria sido interceptado pelos emissários do Rei, que o mantiveram em lugar seguro como moeda de troca na questão do território do Palatinado, em disputa pelos dois estados. Em outros termos, Kaspar seria o trunfo que o Rei possuía para pressionar Leopold, que havia assumido a chefia do estado, chantageando-o com a perspectiva de abrir uma querela sucessória na casa de Baden. Na película, Feuerbach é tratado pelo Rei como um tolo idealista que havia se metido onde não devia e que buscava provas de um complô do qual ele não poderia sequer supor a verdadeira origem. Após a morte de Kaspar, o Rei da Bavária efetivamente ofereceu uma vultosa recompensa para a captura dos assassinos que nunca foi reclamada.

Embora essas teorias conspiratórias sejam bem-montadas e convincentes em muitos aspectos, alguns pontos são questionáveis. Em primeiro lugar, a atitude de Stéphanie – a pretensa mãe de Kaspar – com relação ao episódio. Embora tenha sido informada dos acontecimentos, nunca buscou encontrar-se com seu suposto filho e nem ao menos se comunicou com ele. Essa indiferença poderia indicar um descrédito na veracidade da história apregoada por Feuerbach ou, como sugere o filme de Sehr, um modo de proteger a casa de Baden das maledicências. De qualquer forma, a apatia de Stéphanie com relação ao destino de Kaspar é um ponto frágil das teorias conspiratórias. Outro ponto crítico está na inexistência de qualquer documentação direta e inquestionável que ligue Kaspar à casa de Baden, o que faz dessas teorias apenas suposições históricas, por mais bem fundamentadas que sejam.

Contudo, é bom notar que os mais conceituados estudiosos do assunto – Hermann Pies, Johannes Mayer, Fritz Klee, Adolf Bartning – estão de acordo com essa teoria, tendo sido o próprio Mayer o consultor técnico do filme de Sehr, que retrata Kaspar como indubitavelmente o herdeiro da casa de Baden.

### 3.1.3. A teoria do acaso

Frente às duas teorias anteriores, podemos aventar uma terceira: a teoria do acaso. Podemos considerar como pouco provável que Kaspar fosse um impostor, pois seria difícil ou mesmo impossível uma fraude se manter em face de toda atenção dedicada ao caso. Kaspar morou com várias pessoas e conviveu com outras tantas durante anos – não parece verossímil que todas tenham sido enganadas durante tanto tempo, ao menos não nesse sentido. Se Kaspar fosse de fato um impostor, seria um excelente ator e ao mesmo tempo um grande inseqüente, por desempenhar um papel tão bem que acabou por atrair para si a morte que afinal lhe coube. Não há sentido psicológico num impostor que continue a manter uma farsa após sofrer um atentado à sua vida. Que vantagens um impostor poderia retirar dessa situação, frente às terríveis forças que o ameaçavam? Só entenderíamos essa atitude de persistir no logro se esse impostor fosse mentalmente insano, mas aí não seria Kaspar Hauser.

Apesar dessas considerações, a história demonstra, nunca podemos descartar por completo a imaginação e a engenhosidade humanas, haja vista a história do “Delfim perdido”. Mas neste caso em particular, as evidências apontam vigorosamente na direção da inocência de Kaspar.

Pois é justamente na morte de Kaspar, nas circunstâncias misteriosas que a cercaram, que iremos encontrar o maior apoio à teoria conspiratória. Se Kaspar fosse um impostor ou um João-ninguém qualquer, quem se importaria em assassiná-lo?

Entretanto, podemos supor que alguma criança, por razão ignota, tenha sido aprisionada nas condições descritas pela história de Kaspar. Poderia ser o filho bastardo de um nobre com alguma serviçal ou o resultado vergonhoso da gravidez de uma adolescente cujos interesses de família falaram mais alto; ou mesmo, quem sabe, o fruto pecaminoso do incesto que tinha que ser, de todos, ocultado. As razões poderiam ser inúmeras e os Baden não eram a única estirpe da região com esse tipo de problema. Indo mais longe, poderíamos pensar não em conspirações nobiliárias, mas na pobreza abjeta que mantinha a prole em condições sub-humanas.

Pensando dessa forma, talvez sua morte seja devida mais a uma coincidência infeliz que sua fama galvanizou - a ação prudente movida pelo temor de consciências

culpadas se antecipando a alguma pretensa ‘revelação’ de seu passado - do que a uma real ligação com os Baden. Nessa hipótese, muitos seriam os possíveis interessados pelo desaparecimento da “criança da Europa” e mesmo os Baden poderiam ser culpados pelo seu assassinato, mas impulsionados pela dúvida gerada pelos boatos que cercaram sua origem e não pela certeza da identificação positiva.

#### 3.1.4. Os testes de DNA

A revista alemã *Der Spiegel* publicou, nas edições de números 10 e 48 de 1996, reportagens na qual noticiava que fora coletado sangue de duas mulheres descendentes de Stéphanie de Beauharnais para se realizarem testes de DNA mitocondrial e compará-los com amostras de sangue retiradas de uma peça de roupa de baixo que pretensamente teria servido a Kaspar e que está guardada no Museu de Ansbach. Dois laboratórios (Serviço de Ciência Forense de Birmingham, e Instituto de Medicina Legal da Universidade de Munique) realizaram o teste separadamente. Os resultados foram consistentes e apontaram que o sangue provinha de um indivíduo do sexo masculino, mas que sua seqüência de DNA diferia em nove posições da seqüência das duas mulheres. Isso significa que essas mulheres não possuem parentesco com Kaspar e que ele, então, não seria filho de Stéphanie. Apesar disso, vários pesquisadores<sup>3</sup> criticaram a evidência, afirmando que a peça de roupa em questão não era autêntica, pois de fato não pertencera a Kaspar e que, assim, o teste não tivera validade. Ou seja, a dúvida continuou pairando sobre a casa de Baden e a origem de Kaspar envolta em mistério.

Todavia, em face à decepção provocada pela análise dessa falsa amostra, realizou-se em 2002 um novo teste de DNA, desta vez com o material proveniente da coleção particular de Feuerbach. Seis amostras contendo fios de cabelo e células epidérmicas retirados do chapéu e calças de Kaspar foram comparadas com o material genético de Astrid von Medinger (1954-2002), née Astrid von Zallinger-Stillendorf, descendente de Stéphanie de Beauharnais. A análise, noticiada pela televisão alemã, foi conduzida pelo Dr. Bernd Brinkmann do Instituto de Medicina Forense da Universidade de

---

<sup>3</sup> “*Der Blutfleck an der Museums-Unterhose im Ansbacher Museum (...) ist nicht authentisch: er stammt nicht von Kaspar Hauser*”. [A mancha de sangue na cueca-acervo do Museu de Ansbach (...) não é autêntica: não provém de Kaspar Hauser]. Biedermann, R. (25/08/2002, <http://www.burgstaedt.de/Hauser/SEITE9.HTM>).

Münster e revelou que todas as seis amostras possuíam o mesmo código genético e que combinavam com a descendente de Stéphanie, ou seja, Kaspar Hauser seria provavelmente da mesma linhagem matrilinear. (ZDF, 2003)

Entretanto, a aceitação desse teste ainda não é pacífica entre os estudiosos, havendo mesmo quem tenha dúvidas que tenha sido realizado. (Wikipedia, 2004)

### **3.1.5 Conclusão**

O resultado do último teste de DNA, somados às evidências históricas, deixam pouca margem de dúvida sobre a origem de Kaspar Hauser: ele provavelmente era o príncipe da casa de Baden, filho de Stéphanie de Beauharnais, neto de Napoleão.

Até que algum outro teste venha a demonstrar o contrário — e apesar das reticências quanto à validade da última prova - tal conclusão parece irrecusável. Dessa forma, a hipótese de Kaspar ser um impostor cairia definitivamente por terra.

Entretanto, se Kaspar Hauser foi ou não filho de Stéphanie de Beauharnais isso em nada altera a relevância do estudo de seu caso. Ou seja, Kaspar poderia ser qualquer um, mas certamente não é um qualquer, no sentido que representa uma exceção exemplar cujo estudo é valioso para a análise de questões históricas, psicológicas e sociais.

## **3.2. Sobre o Desenvolvimento de Kaspar Hauser**

### **3.2.1. “Nature versus nurture”**

Kaspar Hauser era o ser humano naturalmente bom, não corrompido pela sociedade, em suma, o bom selvagem. Feuerbach (1996, p.131) afirmava que ele era “imaculado e puro como o reflexo da eternidade na alma de um anjo”. Essa interpretação origina-se, historicamente, das idéias de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), segundo a qual Kaspar seria uma refutação viva da doutrina do pecado original, pela sua inocência e bondade. Na perspectiva de Rousseau, nos originamos de um estado de natureza sem mal, mas essa mesma natureza permanece sufocada em nós pela nossa história, fonte do mal e da liberdade: “Tudo está bem quanto sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem” (Rousseau, 1999, p.7), assim inicia-se o *Emílio*.

Contudo, se a natureza é dada, a cultura deveria ser uma construção dirigida a tornar a natureza mais humana, daí a relevância da educação. Para muitos Kaspar era a criança inocente de Rousseau e uma oportunidade de observar o papel da educação sobre a sua natureza original. O debate centrava-se sobre a questão da influência da educação sobre a personalidade ou, em outras palavras, do meio ambiente sobre a hereditariedade, questão que posteriormente Francis Galton (1822-1911) resumiu na célebre expressão “*nature versus nurture*”.

É relevante notar que essa questão já procede dos albores da História: Heródoto descreve algo similar com a experiência realizada por Psammetichus<sup>4</sup>. Frederico II (1194-1250), imperador do Sacro Império Romano, também realizou um ‘experimento’ fracassado no qual algumas crianças eram criadas sem ouvirem fala nenhuma, para verificar qual era a linguagem natural do ser humano. A visão dos Antigos quanto à linguagem era baseada no que nós denominaríamos hoje de um inatismo radical, na suposição que a língua fosse determinada pela natureza ou pela divindade e não pela socialização e pelo aprendizado.

Para alguns psicanalistas, como o próprio Sigmund Freud e principalmente Melanie Klein, a educação também pode muito pouco frente às determinações inconscientes inatas. Freud, com a admissão da pulsão de morte, no que se contrapõe às visões de Groddeck e de Reich, que supunham uma benignidade essencial do inconsciente, em consonância à tese de Rousseau. Klein, quando afirma que a capacidade de amar, bem como os impulsos destrutivos, “parecem ser inatos”. (Klein, 1974, p.46). Isso significaria que uma péssima maternagem pode não provocar graves conseqüências para o

---

<sup>4</sup> Heródoto (1950, v.1, II, pp.111-112) relata assim esse ‘experimento’: “Os Egípcios, antes do reinado de Psamético, julgavam-se o povo mais antigo da terra. Tendo esse príncipe procurado saber, ao subir o trono, que nação tinha mais direito ao referido título, disseram-lhe que pensavam ser os Frígios mais antigos do que eles, Egípcios, embora eles o fossem mais do que qualquer outro povo. Como as pesquisas do soberano haviam sido, até então, infrutíferas, imaginou ele um meio engenhoso para chegar a uma conclusão: tomou duas crianças recém-nascidas e de baixa condição, entregando-as a um pastor para criá-las entre os rebanhos, ordenando-lhe não pronunciar qualquer palavra diante delas, e mantê-las encerradas numa cabana solitária e a levar com regularidade cabras para alimentá-las. Psamético pretendia, com isso, saber qual a primeira palavra que seria pronunciada pelas crianças quando deixassem de emitir sons inarticulados. Suas ordens foram rigorosamente cumpridas. Dois anos depois, o pastor começou a observar que, quando abria a porta e entrava na cabana, as crianças, arrastando-se para ele, punham-se a gritar ‘becos’, estendendo as mãos. A primeira vez que o pastor ouviu-as pronunciar tal palavra não deu importância; mas tendo notado que elas repetiam sempre o mesmo vocábulo quando entrava, levou o fato ao conhecimento do rei, exigindo este a presença das crianças. Depois de ouvi-las repetir o vocábulo, o soberano resolveu informar-se entre que povos tinha curso a palavra ‘becos’, vindo a saber que os Frígios denominavam assim o pão. Os egípcios consideraram-se vencidos e concluíram dessa experiência serem os Frígios mais antigos do que eles.”

desenvolvimento de uma criança com grande capacidade de amar e, por outro lado, uma excelente maternagem em nada abrandaria a ação dos impulsos destrutivos, se a criança é constitucionalmente incapaz de amar. Chega-se, assim, a uma “conclusão paradoxal”: a educação é mais eficaz para desfavorecer do que para favorecer o desenvolvimento infantil (Petot, 1988, p.173), afirmando-se a preponderância da *nature* sobre a *nurture*. Winnicott discordou dessa tese justamente por minimizar a importância das circunstâncias ambientais sobre a personalidade. Em termos kleinianos, o caso Kaspar se explicaria por ele possuir uma personalidade inata com excepcional capacidade de amar - o que teria abrandado as condições inadequadas nas quais foi criado - mas essa sua idiossincrasia não poderia ser generalizada para todas as crianças. Tanto é assim que um caso oposto - uma criança incapacitada para o amor, que é criada nas melhores condições possíveis e que se torna um psicopata quando adulto - também é teoricamente possível, contradizendo a perspectiva de Rousseau.

Contudo, Kaspar passou a exibir atitudes elitistas e convencionais depois de seus contatos com Stanhope, como mostra o filme de Sehr, sendo severamente repreendido por Daumer. Durante a estadia com Meyer, sua personalidade sofre profundas transformações, tornando-se cada vez mais ‘civilizada’, incorporando a religião, a mentira, a hipocrisia e a agressividade, parecendo confirmar de certo modo a influência deletéria do social sobre a natureza humana suposta por Rousseau, ao menos no que tange ao caso Kaspar Hauser.

Finalmente o caso Kaspar Hauser remonta também à questão das crianças selvagens, encontradas após terem sido criadas afastadas de todo convívio humano, cujo exemplo mais emblemático encontramos no mito da origem de Roma, substanciada na criação de Rômulo e Remo por uma loba. Feuerbach também relata dois casos, um dos quais - acontecido poucos anos antes do aparecimento de Kaspar - referente a uma moça de Salzburg que foi criada até os 16 anos de idade numa pocilga e que grunhia como um porco e não se comportava como um ser humano. O outro, referente a uma garota selvagem brasileira chamada Isabella, que foi trazida a Munique por dois exploradores, provavelmente J.B.von Spitz (1781-1826) e C.F.von Martius (1794-1868), embora não sejam citados explicitamente. (Feuerbach, 1996, p.99; p.154, n.22)

Outras ocorrências foram observadas na Índia e em outras regiões da Europa – como o caso de ‘Victor de l’Aveyron’, descrito por Jean Itard em 1806 e transposto ao

cinema por François Truffaut (*L'Enfant sauvage*, 1969) - e mesmo até os dias de hoje.<sup>5</sup> Contudo, esses casos diferem qualitativamente de Kaspar, cujo contato com o 'homem' que o cuidava o humanizou, conferindo-lhe o acesso à escrita.

Um caso que possui algumas similitudes com o de Kaspar foi o de Memmie Le Blanc, conhecida como a "Garota Selvagem de Champagne". Encontrada em 1731 na vila de Songi, foi acolhida pelo Visconde d'Épinoy que se interessou pelo seu caso. Tendo sete ou oito anos, teria sido aprisionada, pintada de preto e vendida como escrava. Um naufrágio a fizera chegar à costa francesa, onde se mantivera escondida vivendo de modo selvagem. Supostamente tendo vindo das Índias Ocidentais, nunca ficou comprovada sua origem. (Newton, 2002). Mesmo não sabendo nada de francês por ocasião de seu aparecimento, em poucos anos aprendeu a escrever, tendo redigido uma auto-biografia, tal como Kaspar. Em que pesem as óbvias diferenças - Memmie não foi criada num calabouço -, o rápido acesso a uma escrita auto-referente, aproxima os dois casos.

### 3.2.2. A Carência do Imaginário

Supondo, então, a verdade histórica do relato de Kaspar Hauser e partindo dos elementos que dispomos, podemos empreender uma interpretação psicanalítica de alguns aspectos de seu caso, embasada nas formulações teóricas de Jacques Lacan sobre a tópica do imaginário e nas considerações de Françoise Dolto sobre essa temática.

Kaspar, apesar de não ser estúpido ou insano, era quase totalmente desprovido de conceitos e palavras e mostrava total falta de familiaridade com os objetos cotidianos e os acontecimentos naturais, de tal forma que poderia ser tomado por "um habitante de outro planeta". Durante seu aprisionamento, ele não tinha autoconsciência, não se via como algo separado de seus objetos. Depois, em Nuremberg, não sabia distinguir o tamanho dos objetos à distância e acreditava que os objetos possuíam vontade própria. A idéia de 'cavalo', em especial 'cavalos de madeira', tinha grande significado para ele e a palavra

---

<sup>5</sup> "Um garoto de sete anos que foi criado por um cão foi encontrado na Sibéria. Policiais de Altai estavam em uma patrulha de rotina quando encontraram o menino na porta de uma casa abandonada com um cão ao lado. (...) Os oficiais achavam que o menino tinha três anos, mas exames médicos constataram que ele tinha sete anos. (...) O menino, chamado de Andrei, não sabe falar e ainda cheira seu alimento, como um cão, antes de comê-lo". (AOL Notícias – 04/08/2004)

'cavalo' era a mais importante e mais constantemente repetida do seu repertório de cerca de doze palavras (ou cinqüenta, segundo o prefeito Binder). Nos primeiros dias de seu aparecimento, quando viu pela primeira vez a chama de uma vela, estendeu a mão de maneira inocente, queimando-se. Quando um espelho foi colocado na sua frente, ele tocou o seu reflexo na superfície polida e, então, "procurou pela pessoa [que ele acreditava estar] escondida atrás do mesmo". (Feuerbach, 1996, pp.84-87)

Kaspar não sabia diferenciar homens de mulheres, a não ser pelas suas roupas. Era atraído pelas roupas femininas – mais coloridas – e chegou a manifestar mais tarde o desejo de tornar-se uma garota para poder usar esse tipo de vestimenta (Feuerbach, 1996, p.90). Kaspar nunca tivera a chance de ver uma mulher nua e, dessa forma, não poderia reconhecer a diferença anatômica entre homens e mulheres.

Quando estava preso na torre, o maior divertimento de Kaspar era desenhar e ele afixou com sua própria saliva vários desses desenhos às paredes de sua cela. Hittel permitiu que ele participasse da rotina de sua casa, onde aprendeu a portar-se à mesa de maneira civilizada. Seu filho de onze anos, Julius, foi o primeiro a ensinar os rudimentos da linguagem a Kaspar. Foi durante sua estada com essa família que Kaspar começou a adquirir autoconsciência, a pensar e a refletir sobre seu estado (Feuerbach, 1996, pp.90-92; Masson, 1996, p.152). A convivência com os filhos de Hittel possibilitou a Kaspar Hauser realizar a distinção entre a imagem de si e a imagem do outro, propiciando um grande avanço em seu desenvolvimento psíquico.

Mudando para a casa de Daumer, Kaspar ganhou sua primeira cama, à qual se apegou enormemente. Só aí começa a sonhar. Entretanto ele não reconhece seus sonhos como tais e quando acorda contava os eventos sonhados como se efetivamente tivessem acontecido. Só mais tarde ele fazia distinção entre vida de vigília e atividade onírica. Possivelmente esses seus primeiros sonhos eram confusos e refletiam seu desajuste perceptivo.

A função imaginária, primeiro exposta na atividade pictórica, começa a surgir como sonhos. Kaspar vivia numa situação sonambúlica em que sonho e realidade se misturavam. Sua vida de fantasia estava reduzida às brincadeiras com animais de madeira e depois pelos grafismos. O início da atividade onírica pode ser interpretado como a fixação da função imaginária, que começará a se desenvolver a partir desse momento. Seria de se esperar, que esses sonhos fossem sonhos infantis de realização

indisfarçada de desejo, relacionados com eventos do dia anterior. Desse modo, Kaspar via nos sonhos a continuação da realidade.

Kaspar falava de si mesmo unicamente empregando a terceira pessoa e tinha dificuldade de compreender o 'eu' e o 'você' (Feuerbach, 1996, p.107; p.156, n.42). Se alguém queria se referir a ele durante uma conversa, teria que empregar 'Kaspar' e não 'você', para que ele entendesse que estavam falando dele próprio. Em junho de 1828, quando Feuerbach pela primeira vez se encontrou com Kaspar, a sua fala não passava de um *tatibitate (gibberish)* confuso e entender o significado de seu discurso era uma difícil tarefa. (Feuerbach, 1996, p.108)

No entanto, sua curiosidade e sede de conhecimento fizeram com que ele se desenvolvesse com rapidez notável, embora nunca tenha passado de um nível medíocre em tudo o que fez. No entanto, nota Feuerbach (1996, p.109), seus desenhos vão se aprimorando de maneira evidente, passando de desenhos infantis – garatujas empregando círculos e traços retos – a cópias cada vez mais fiéis de figuras humanas. É como se Kaspar estivesse recuperando a sua função imaginária por meio de sua pulsão epistemofílica, aprendendo os limites do seu eu.

Por outro lado, sua obediência às pessoas que exerciam uma autoridade de tipo paternal com ele – o prefeito Binder, Daumer e Hiltel – era estrita e ilimitada. Se questionado do porquê dessa obediência extrema, Kaspar respondia que “o-homem-que-sempre-esteve-comigo ensinou fazer tudo o que foi dito” (Feuerbach, 1996, p.111). O nome-do-pai exerce sua função simbólica, é a letra encarnada, o 'eu sou o que sou', a tábua da lei cujo principal mandamento é o 'obedeça' ao Deus que traz teu pão e tua água.

Assim, não é de se estranhar que Kaspar apresentava uma obsessão pela limpeza e ordem. As centenas de pequenos objetos, que ele mantinha em seu quarto, eram ordenados de modo cuidadoso e compulsivo (Feuerbach, 1996, p.112). Nesse período, ele anseia por retornar ao seu calabouço e ao “o-homem-que-sempre-esteve-comigo”, pois sente-se atormentado pelos apelos desse mundo do qual ele nada conhece.

No início, Kaspar tinha dificuldade em enxergar paisagens, espaços abertos com uma variedade de perceptos. Uma bucólica cena campestre o perturbava de tal modo, que evitava olhar pela janela. Inquirido cerca de três anos mais tarde por Feuerbach (1996, p.113) a esse respeito, ele explicou que as “Coisas que eu vejo agora como

separadas e individuais, então eu não conseguia reconhecer e distinguir. Nesse tempo era algo terrível de se olhar”. Kaspar sofria de um distúrbio de paralaxe, não sabendo calcular inconscientemente o tamanho dos objetos à distância, o que fazia com que todos parecessem muito próximos, embaralhando seu campo visual “numa mistura colorida de branco, azul, verde, amarelo, vermelho”. Feuerbach (1996, p.114) compara essas particularidades perceptivas de Kaspar com a história do cego operado de catarata pelo cirurgião inglês William Cheselden (1688-1752) - caso que mereceu comentários de Voltaire e Diderot -, que após recuperar a visão, não conseguia distinguir tamanhos, distâncias, situações e figuras por um longo período. Apesar dessas dificuldades visuais, Kaspar tinha excepcional visão noturna e os demais sentidos apurados, possuindo também uma curiosa sensibilidade ao magnetismo. (Feuerbach, 1996, p.125-128)

Dolto (2001, p.471) aponta que o ‘homem’ que cuidou de Kaspar – “o-homem-que-sempre-esteve-comigo” – foi uma “mãe suficientemente boa”, no sentido da formulação de Winnicott. Com isso significa que o ‘homem’ supriu as necessidades básicas da criança em relação aos seus cuidados, possibilitando que Kaspar pudesse aceitar as limitações a que foi submetido. O ‘homem’ abriu o caminho do desejo, “a mim ele só fez bem”. Tanto é, que Kaspar não demonstrava mágoa em relação ao seu carcereiro e a única coisa que reclamava é ter sido privado do contato com a natureza. O mundo pobre de estímulos onde foi criado teria aguçado seus sentidos, ao invés de atrofiá-los, fazendo-o ver o mundo numa perspectiva animista.

Embora tenha tido uma dieta pobre, pão preto e água, o ‘treino de banheiro’ a que era submetido foi rigoroso. Mas o ‘homem’ que o alimentou e o limpou não lhe forneceu algo essencial: um espelho, onde pudesse observar sua própria imagem. Por isso, como o relato de Feuerbach certifica, procurava por detrás do espelho a pessoa que estava lá. Não sabia identificar a própria imagem e isso não lhe possibilitou a apreensão de seu corpo como uma totalidade, travando o desenvolvimento de seu registro imaginário.

Sabia ler e escrever, mas não constituía imagens, quer dizer “tinha imediatamente a função simbólica” (Dolto, 2001, p.474), mas carecia da função imaginária. Tinha o sentimento do Real, do que lhe era benéfico ou maléfico e uma memória prodigiosa, além de senso de humor. Contudo, como não tinha autoconsciência, não conseguia separar os objetos de si mesmo. A ausência do espelho fez que ele não conhecesse a própria imagem e não delimitasse as fronteiras do seu eu. A falta de um ‘estádio do espelho’

acarretou uma carência do imaginário. Embora possuísse claramente um ‘supereu’, internalizando os limites que o ‘homem’ colocava, e um ‘ideal do eu’, expresso no seu desejo de ser aquilo que seu pai foi – um cavaleiro -, não desenvolveu o seu ‘eu ideal’ fundado na imagem especular e, assim, não se fixou em nenhuma imagem – exceto a do cavalo - e não podia se apaixonar por um semelhante, por um ser humano. Em suma, sua narcisização não se completou.

Dolto (2001, p.476) coloca que talvez para Kaspar o ‘homem’ fosse a “mãe onipotente”, isto é, uma pessoa que não era boa nem má e que devia estar em “comunicação inconsciente” com ele. Pois os reduzidos “nexos humanos” que teve desempenharam “papel identificador” de especial relevância na constituição de sua personalidade.

As repetidas indagações que fazia sobre as origens das coisas, poderiam ser interpretadas como uma questão dirigida às suas próprias origens. A idéia de pai já está presente de início na sua frase padrão “cavaleiro quero, como pai era”. E Kaspar mostrou ser um cavaleiro e domador nato, montando e domando os cavalos mais indóceis com especial habilidade.

Para Dolto (2001, p.477) Kaspar era um “ser de amor”, pois não apresentava ambivalência nos seus sentimentos, não projetava seus elementos negativos. Também sua orientação sexual não era bem estabelecida, “ele permanece como alguém que parece estar acima, ou fora, ou então resguardado da atração sexual”.

Após sua socialização, Feuerbach (1996, p.144) o descreve como não possuindo “um lampejo de fantasia, incapaz de fazer qualquer tipo de brincadeira ou de entender mesmo uma forma metafórica de falar”. A ausência de espelho que gerou sua carência do imaginário marcou a sua personalidade de modo duradouro, sendo incapaz de metaforizar e de entender ou formular um chiste. Por isso, Feuerbach (1996, p.145) descreveu seu temperamento “como um lago plácido, espelhado, iluminado por uma lua cheia no silêncio da noite”. Seco e assexuado, não tinha como entender o desejo feminino, só podendo pensar numa esposa como uma espécie de empregada-chefe, que poderia ser dispensada se cometesse algum erro. Mais uma vez, temos que a única diferenciação quanto ao gênero que Kaspar conhecia era com relação às funções sociais e que a sexualidade feminina lhe era estranha.

Com a educação que vai recebendo para sua adaptação à vida social, conjugada com as mudanças nos hábitos alimentares, Kaspar perde muitas de suas características peculiares e mesmo a vivacidade que originalmente possuía e caminha para converter-se em um ser “completamente inodoro e insípido, banal”. (Dolto, 2001, p.480)

O acesso ao simbólico permitiu que Kaspar desenvolvesse a fala e a escrita com razoável rapidez, integrando-se ao universo social ao menos nesse aspecto. Sua recusa inicial à religião parece motivada mais por uma aversão à estereotipia – uma recusa ao teatro religioso que cristaliza a fé. Essas imagens não o fascinavam. O interesse pelas questões religiosas, ao final de sua vida, surge possivelmente como um subproduto de sua progressiva socialização, que o amolda cada vez mais como uma personalidade convencional de sua época.

Todavia, no entender de Dolto (2001, p.481), “sua história não se explica pelo que conhecemos da psicologia experimental, tampouco pelo que conhecemos do inconsciente. Ele simplesmente não se explica...”.

Neste ponto, poderíamos nos perguntar: será que Dolto não exagera? Será que essa bondade inexplicável não oculta as projeções idealizadas de quem a vê? Posto assim, será que a pretensa bondade natural de Kaspar não representaria outra coisa senão a natureza original do homem, essencialmente boa, e aí teríamos retornado às teses de Rousseau?

Podemos hipotetizar, então, que em decorrência de sua defasagem imaginária sua ligação com o Real ficou prejudicada, pois seu déficit no desenvolvimento jamais poderia ser recuperado. Conseqüentemente sua função sexual ficou também inibida - embora ele tivesse ereções, faltava um objeto do desejo. Esse embotamento sexual impossibilitou que os aportes de agressividade encontrassem um meio de expressão.

A ausência de agressividade – tratada como um enigma por Dolto – seria o resultado da coarctação dos impulsos sexuais, que jamais formaram um objeto imaginário humano que pudesse desencadear a paixão. Por isso essa atitude, em certa medida abúlica, de Kaspar em relação às pessoas e às coisas, com exceção daquelas cuja imagem lhe foi apresentada pelos seus brinquedos: os animais de quatro patas, em especial o cavalo.

O cavalo - que exerce também uma função simbólica, pois associado ao pai - se constitui na imagem primordial, seu norte na bússola do desejo. O seu liame com esses

animais era a única paixão que possuía e com eles, eventualmente, é que poderia ser cruel<sup>6</sup>.

### 3.2.3. Conclusão

A análise do caso segundo a perspectiva lacaniana nos permite compreender a carência do registro imaginário em Kaspar Hauser, que não passou por um estágio do espelho, embora possuísse certa desenvoltura no registro simbólico. Devido a esse descompasso do imaginário, Kaspar não teria idéia clara da imagem de seu corpo como um elemento separado do mundo. Em decorrência, sua ligação com o real seguia prejudicada, pois seu déficit no desenvolvimento jamais poderia ser recuperado. A falta de agressividade seria consequência de seus impulsos sexuais coartados, que não constituíam um objeto imaginário desencadeador da paixão.

O simbólico desenvolvido e a carência do imaginário – a expressão lingüística, a função paterna contida na sua frase recorrente, a voz do ‘homem’ que o cuidava – Outro sem outro, sem imagem, articulado unicamente no campo do simbólico. Em razão disso, seu narcisismo jamais se completou pela falta de um ‘eu ideal’, embora as funções do ‘supereu’ e do ‘ideal do eu’ estivessem atuantes. E o fato dessas duas últimas funções atuarem é o que diferencia Kaspar dos meninos-lobos e crianças selvagens: seu acesso ao simbólico, através da linguagem.

Por outro lado, era como domador de cavalos que Kaspar podia exercer sua agressividade, expressa no domínio sobre a montaria e no controle sobre o instinto do animal, transmutando-se nele em gozo perverso. É ‘domar-a-dor’ que inflige sobre seu objeto de prazer: sadismo.

E seria nessa direção, possivelmente, que a violência contida de Kaspar se expressaria e poderíamos supor que o seu desenvolvimento – se mais tivesse vivido – o conduzisse a isso.

---

<sup>6</sup> Posição que pode ser comparada à vivida pelo personagem Alan Strang, da peça *Equus* (1973) de Peter Shaffer, transposta para o cinema por Sidney Lumet em 1977, que foi baseada num evento noticiado pelos jornais. Alan é fascinado por cavalos, até que um dia os cega. Tal como na peça, podemos supor que a ambivalência de Kaspar seria exposta devido a um conflito originado da percepção do desejo feminino – absolutamente incompreensível para ele –, contrapondo-se à culpa religiosa, que já assimilara, e à imagem do cavalo, sua única paixão.

## Referências Bibliográficas

AOL NOTÍCIAS (2004). *Garoto Siberiano é Criado por Cachorro*. Disponível em <http://noticias.aol.com.br>. Acesso em agosto de 2004.

BIEDERMANN, R. (2002). *Neue DNA-Forschungserweist: Kaspar Hauser war badischer Erbprinz*. Disponível em <http://www.burgstaedt.de/Hauser/SEITE9.HTM> Acesso em junho de 2004.

DOLTO, F. (2001). *Solidão*. São Paulo: Martins Fontes.

DELORME, P. (2000). *L'affaire Louis XVII*. Paris: Jules Tallandier.

FEUERBACH, P.J.A.R.von. (1996). *Kaspar Hauser. Um Caso de um Crime Contra a Alma de um Ser Humano*. In: Masson, J.M., *Lost Prince: The Unsolved Mystery of Kaspar Hauser*. New York: The Free Press.

HERÓDOTO. (1950). *História*. 2 v. Rio de Janeiro: W.M.Jackson Inc.

KITCHEN, M. (2001). *Kaspar Hauser: Europe's Child*. New York: Palgrave Macmillan.

KLEIN, M. (1974). *Inveja e Gratidão: Um Estudo das Fontes do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago.

LE MONDE (2004). *Le coeur de Louis XVII déposé dans la crypte royale 209 ans après sa mort*. Disponível em <http://www.lemonde.fr/web>. Acesso em junho de 2004.

MASSON, J.M. (1996). *Lost Prince: The Unsolved Mystery of Kaspar Hauser*. New York: The Free Press.

NEWTON, M. (2002). *Savage Girls and Wild Boys*. London: Faber and Faber.

PETOT, J.M. (1988). *Melanie Klein II*. São Paulo: Perspectiva.

ROUSSEAU, J.-J. (1999). *Emílio ou Da Educação*. São Paulo: Martins Fontes.

WASSERMANN, J. (1966). *Kaspar Hauser ou A Indolência do Coração*. Rio de Janeiro: Topbooks.

WELLS, J. (1994). *Princess Caraboo: Her True Story*. London: Pan Books.

WIKIPEDIA-THE FREE ENCYCLOPEDIA (2004). *Kaspar Hauser: Discussion*. Disponível em [http://en.wikipedia.org/wiki/Kaspar\\_Hauser](http://en.wikipedia.org/wiki/Kaspar_Hauser). Acesso em junho de 2004.

ZDF-ZWEITES DEUTSCHES FERNSEHEN (2003). *Sphinx: Mordfall Kaspar Hauser*. Disponível em <http://www.zdf.de/ZDFde/inhalt/7/0,1872.2027975,00.html>. Acesso em junho de 2004.